

PARADOXO

DORIEDISON SANTOS

*"Se a Terra fosse feita de ouro, os homens se matariam
por um punhado de areia."*

autor desconhecido

inverno de 2013

Paradoxo: Fase 1

Albert Birmigan, Imunobiologista, Virologista, Ph.D.
Silicon Valley - CA

Ao ouvir o estampido das batidas decididas na porta, o doutor dirigiu-se para ela dando de encontro com um homem de grande porte, terno e óculos escuros, portando um pequeno equipamento de vídeo em cuja etiqueta estavam os dizeres acima. Era primavera no Vale e as folhas vermelhas do jardim davam destaque para a pequena casa de madeira.

- Doutor Birmigan? – quis confirmar o homem.

- Sim, sou eu.

-Sou portador de uma solicitação de grande importância para o senhor. Posso entrar?

-Sim, pode. Do que se trata? - quis saber antecipadamente, antes mesmo que o homem repousasse no pequeno sofá da sala que não tinha muitas coisas para enfeitá-la.

-Queremos fazer um convite ao senhor e com sinceridade, espero enfaticamente que aceite.

-Você e quem mais estão fazendo este convite?

-Na verdade estou vindo até o senhor em nome de uma organização que faz estudos científicos para o governo dos Estados Unidos.

-Ah, o governo. – meneei a cabeça como querendo dizer que já tinha feito ideia de quem poderia ser. – Acontece que eu não estou mais participando de projetos governamentais, meu caro.

-Espere doutor, não recuse ante de saber do que se trata. Posso fumar? – perguntou como se não esperasse por uma resposta negativa já tirando o maço de cigarros do bolso.

-Eu até consentiria senhor...

-Max Talbot. –respondeu o engravatado, pois não havíamos nos apresentado antes.

-Eu até consentiria senhor Talbot, mas acontece que eu tenho alergia a fumaça de cigarros. Espero que me entenda.

-Oh, tudo bem doutor. –guardou o maço novamente no paletó com ar de contrariedade.

-Mas continuando, não recuse antes de saber do que se trata. Eu venho em nome de uma organização de pesquisas científicas como já havia dito, mas também em nome do SETI.

-Não venha me dizer, senhor Talbot, que a pesquisa científica diz respeito à vida extraterrestre?

- Bem, eu não posso antecipar nada, mas tem algo a ver com um objeto que veio de algum lugar não localizado neste planeta.

-Você está querendo dizer que tivemos então um primeiro encontro com um alienígena? – perguntei com um misto de curiosidade e espanto.

-Disse que não posso adiantar nada. Pegue aqui a carta que encaminharam em seu nome. Vai encontrar detalhes com os quais precisa estar familiarizado, bem como todo o procedimento necessário para se engajar ao grupo de pesquisa, caso aceite fazer parte. –dizendo isso, entregou-me um grosso envelope, apenas com a identificação de meu nome, sem identificar quem havia enviado.

-Bem doutor, não tenho mais nada a fazer por aqui, e não nos veremos mais. –levantou-se e partiu em direção à porta despedindo-se apenas com um gesto de mão.

Abri o pacote que ele deixara em meu nome e detalhes do que eu esperava encontrar, sobre o que eu poderia ou não aceitar participar, não se encontravam ali dentro. Tinha muita coisa técnica como possível localização, mas não precisa, pois se intitulava de ultrassecreta, explicações bem genéricas sobre pessoas que poderiam ou não estar envolvidas, todo procedimento necessário para estar em um local com data e hora marcadas, onde iriam esperar por mim. Nada mais. Sinceramente eu havia adotado uma vida bastante pacata nos últimos meses. Não fazia muita coisa mais que dar aulas na universidade local e não participava mais de pesquisas. Eu havia trabalhado durante muito tempo em um hospital custeado pelo governo e ajudei bastante com a cura de muitos pacientes cujos diagnósticos eram extremamente complicados. Também havia participado de muitas pesquisas com vírus africanos e bactérias perigosas. Tudo em ambiente isolado do mundo exterior, onde o ar podia facilmente matar com uma única respirada. Porém, me cansei e me afastei de tudo isso. Arrumei uma casa onde até agora não haviam me incomodado e passei a cultivar petúnias e abelhas. Só uma coisa me incomodava bastante naquelas instruções: o local. Diziam ser próximo de um dos polos. Estavam escondendo muito bem alguma coisa, visto ser em um local tão isolado.

Não pensei mais no assunto naquela noite e resolvi tomar minha decisão no dia seguinte, esperando que me dando mais tempo para pensar, tomaria uma decisão melhor. Recolhi-me cedo e rapidamente peguei no sono. O que se

passou a seguir e que me lembrei em detalhes precisos ao acordar, foi algo que nunca havia ocorrido comigo. Um sonho completamente estranho.

O PRIMEIRO SONHO:

O populacho seguia resoluto rumo a um destino que eles pareciam ter certeza qual seria. Carregando rastelos, machados e enxadas na mão, berravam palavras de ordem e capítulos bíblicos. Seguiam por corredores estreitos e sujos, de um local desconhecido para mim, mas que com certeza era uma vila que pela aparência seria da Idade Média. Trajavam vestes surradas e pobres, com dentes podres na boca e cabelos em desalinho. Homens com gorros na cabeça e mulheres com grossos panos cobrindo os cabelos. Pareciam estar bastante enfurecidos e dispostos a capturar alguém. À frende da multidão seguia um grupo de sacerdotes com vestes e capuzes marrons, liderados por outro com vestes negras e brancas carregando em suas mãos uma grande cruz.

-Bruxa! – gritavam, soltando saliva por suas bocas largas e mal cheirosas. – Bruxa! Queimem a bruxa. Ela é culpada pelas calamidades de nossa vila.

-Ela precisa confessar suas atitudes e maldades. Vamos trancafiá-la e tortura-la para que confesse. – dizia um dos sacerdotes brandindo sua grande cruz entre as mãos como se fosse uma espada ou algo parecido.

-Ela precisa fazer bem mais que isso irmão. Ela precisa confessar tudo e principalmente arrepender-se, para que possamos purifica-la nas chamas e livrar a nós e a ela dessa

maldade que impregna seu espírito. – dizia aquele vestido de preto com capuz branco e que parecia ser o líder deles.

Ao mesmo tempo em que gritavam maldições e bênçãos, também degustavam miúdos de animais junto com uma espécie de pão escuro. Cachorros seguiam a multidão e latiam, comendo os restos que caíam pelo caminho. O espetáculo era grotesco e o céu não ajudava muito. Com suas nuvens escuras, prenunciava acontecimentos ruins para a vila daquelas pessoas ignorantes.

-Lá está ela tentando fugir. – gritou um dos aldeões apontando para a jovem e solitária mulher que tentava fugir em meio à turba enfurecida. Com medo de ser linchada, ela tentou a todo custo pular uma pequena cerca que estava mais próxima, mas foi contida por um dos atacantes mais afoito.

-Segurei ela! Segurei ela! – gritava ensandecido agarrado à beirada de seu vestido com a mulher se debatendo. Logo já não era mais um a segurá-la, mas toda a multidão estava em cima da pobre coitada. Seus gritos de protesto eram em vão. Não fosse um dos sacerdotes que acompanhava todos gritar ordens, eles a teriam matado ali mesmo a pancadas.

-Meus irmãos, meus irmãos, lembrem-se de nossa missão que nos trouxe até aqui. Precisamos proceder conforme nos dita a lei divina. Temos que julgar essa bruxa e condená-la à fogueira e não mata-la agora. Se assim procedermos, ela retornará acompanhada do demônio que a protege e liquidará nossa vila. A santa igreja que nos enviou para que fizéssemos seu julgamento confia que faremos tudo conforme está escrito no livro aprovado por Inocência VIII, nosso estimado papa, o Martelo das Feiticeiras. Nosso manual que ensina como

devemos proceder em casos como esse. Este mal deve ser purificado com fogo e nada mais.

Muito a contragosto a multidão afastou-se, dando lugar aos verdugos que colocaram a mulher a ferros. A mesma já não se debatia e nem protestava, visto que tinha tomado tantos socos e chutes que não estava plenamente consciente de sua grave situação.

-Levem-na! –bradou o sacerdote vestido de preto. – Levem-na para a masmorra, donde lhe tiraremos a confissão necessária para que possamos conduzi-la a julgamento e então sentenciá-la à fogueira, que é o destino das bruxas.

Corria o ano de 1488...

Paradoxo: Fase 2

Acordei de sobressalto. Nunca havia sonhado algo tão estranho e com tanta riqueza de detalhes. A sensação era como se eu tivesse acabado de me transportar daquele passado distante para o presente e acordado. Não consegui entender nada em absoluto. O sentimento era de participação vívida daquela condição desumana com que eram tratadas as pessoas suspeitas de qualquer ato que a sociedade da época reprovava.

Quanto ao assunto do dia anterior, a minha curiosidade científica venceu o pragmatismo e resolvi que participaria daquela missão. Eu estava decidido a descobrir do que se tratava. De acordo com as instruções que eu havia recebido,

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

